

O objeto *a* e sua articulação com a escrita: em Haroldo de Campos e a clínica das psicoses

Bruna M. Guaraná

Introdução

[...] a objetividade é o termo supremo do pensamento científico ocidental [...] a objetividade é outra coisa. [...] direi que a objetividade é o correlato de um *pathos* de corte. (Lacan, J. 1963/2005, p. 237)

Vamos reportar-nos a título de introdução, para a importância da função do escrito, dada por Lacan a partir de Freud. Jacques Lacan se tornou famoso, no início de seu ensino, através do movimento que denominou de “retorno à Freud”. Essa ação foi a sua resposta diante do que entendia haver se tornado a psicanálise do seu tempo. Os primeiros anos de seus seminários, portanto, se dedicaram a retomar com o rigor necessário, a leitura dos principais textos que compõem a metapsicanálise freudiana.

Nessa esteira, está o resgate do caráter de invenção do inconsciente freudiano. Lacan contava diferente de Freud, como ele mesmo o diz, com a linguística estrutural de Saussure, Benveniste e a antropologia estruturalista de Lévi-Strauss, referenciais teóricos de sua época. É ali que, por exemplo, o signo linguístico saussuriano sofreria sua inversão, passando o significante a ocupar a primazia em detrimento do significado.

Dessa maneira Lacan concedeu desde o seu primeiro movimento, centralidade ao protagonismo da palavra, dimensão simbólica onde Freud se situava na interpretação dos sonhos e outras formações do inconsciente. A interpretação de Freud implicava pensarmos, por exemplo, que o sonho é um rébus. O equivalente de afirmarmos que suas cenas oníricas são imagens que correspondem a letras ou sílabas, e que como consequência, ao se ligarem entre si, formam palavras.

Essa dimensão também é animada por Freud em *A interpretação do sonhos* (1900), ao vermos ali, as associações que se articulam no que tange aos significantes. Vemos isso, tanto na análise dos sonhos, quanto na remontagem da “língua

fundamental” usada por Schreber, para a reconstrução dos nexos associativos que compõe sua trama delirante.

A promoção do escrito e primazia do significante estão presentes em toda leitura freudiana e no seu retorno por Lacan, mas essa leitura é pensada como diferente escritas determinantes do sujeito em “A instancia da letra ou a razão desde de Freud” (1953), “Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise” (1957), “A função do escrito”, no *Seminário 20* (1972-73) e também em “Lituraterra” (1971).

A escrita simbólica constituinte do inconsciente estruturado como uma linguagem se apresenta sob a forma de uma sintaxe, que possui a estrutura de uma frase. É o que demonstra Moustapha Safouan (1982/1987) em *O inconsciente e seu escriba*, onde afirma que a linguagem não seria o que é se ela não implicasse na possibilidade da escrita.

Podemos situar a linguagem em duas diferentes dimensões, uma referente ao campo da fala e outro da escrita, considerando que não entraremos nesse meandro, mas a princípio, a fala em uma análise será lida na sua dimensão de escrita. E, podemos daí nos questionar qual estatuto da escrita em uma análise, como o faz Joseph Attié, no sentido de se perguntar de que ordem é a escrita que se produz em uma análise? O que também nos fará considerar existirem diferentes modalidades escriturais.

Em nossa epígrafe acima demos importância à dimensão do objeto *a*, empreendida por Lacan no seu *Seminário 10: A angústia* (1962-63) como o correlato ao “*pathos*¹ de corte”, que introduz o que fica excluído enquanto causa na escrita científica. O que se situa em função de causa para Lacan e revela-se irrefutável, inapreensível e irreduzível à crítica de Kant a que se referia ou ao discurso (Lacan, J. 1962-63/2005, p. 237).

Porém, a lógica dos matemas, como o da fantasia e do objeto *a* como resto, coloca em evidencia sua proximidade a escrita científica ou da ordem de uma escrita matemática, tal como o define Lacan: “a escrita é um traço no qual se lê um efeito de linguagem” (Lacan, J. 1972/2008, p. 164). Porém a diferença da ciência, desse traço se perfilarão mil e uma possibilidades de leitura.

¹ Palavra grega que significa paixão, excesso, catástrofe, passagem, passividade, sofrimento, assujeitamento, sentimento e doença.

Vamos agora adiante, exemplificar duas diferentes formas de escrita, uma produzida por uma paciente psicótica em análise, que passa a endereçar ao seu tratamento, uma escrita, e outra será a escrita literária, do famoso ensaísta, tradutor e poeta Haroldo de Campos, objeto do atual projeto de pesquisa do doutorado.

“Minha necessidade é ter a comunicação”²

A fala acima é de uma jovem³ que procura atendimento diante da invasão da angústia que se faz sentir através do que descrever ser sua “dor de existir”, e de seu estranhamento e mal-estar no convívio social. A “dor” se apresenta em todas as suas atividades cotidianas. Decorrente da perda, segundo o que refere ser sentido da vida, sofre essa forte angústia e tem ideias de morte.

Mesmo quando não está em crise, se situa em estado limítrofe de angustia, e a morte sempre a espreita, se faz sentir sob a forma da paranoia de perseguição. No convívio social, se sente apartada de todas as convenções compactuadas consensualmente, e por vezes sofre de fenômenos elementares ligados à fala: “esse atrito, ruído na fala, [...] prefiro me afastar”.

Uma primeira crise ocorre no contexto de seu trabalho em comunidade com crianças menores de idade e carentes. Ali, relatou que a sua certeza até então de que “o bem vence o mal” ruiu, deixando-a desamparada e sozinha. Como consequência irrompe a angustia, sintomas de ordem paranoico e alucinatorios, e desorganização mental.

Diante desse quadro, o que passou a prevalecer como direção de tratamento em seu caso foi a vertente da escrita. Mantinha uma escrita ativa, ainda que por vezes interrompida. Uma escrita que gerava uma narrativa descritiva, próxima de uma escrita oral, onde escrevia reflexões intersubjetivas e perguntas derivadas dessas reflexões. Tinha antes a função de diário, que guardava somente para si, mas que agora passava a tornar público na análise.

² Aqui se encontram adulterados dados e informações pessoais, com a finalidade da preservação do sigilo e privacidade que um caso clínico exige.

³ A ênfase recairá na produção escritural e menos na exposição detalhada de seus sintomas e histórico médico.

O conteúdo da sua escrita trata de situações que observa em seu meio social, como o da faculdade ou trabalho, sobre os quais sente necessidade de escrever. O que observa diz respeito à como coletivos se mantêm unidos por determinados valores universais, como por exemplo, a “reciprocidade” e outros temas.

Temas como a solidariedade, o tempo, e a ajuda. Por vezes esboça respostas às suas necessidades, mas são respostas que carregam novas perguntas. De todo modo, suas respostas, nunca são definitivas, e levam a outros questionamentos, de modo que pontos de conclusão se fazem por vezes necessários.

“Será que tudo que serve para o outro serve para mim?”, reflexão que aponta uma solução singular que não poderá ser a universal. Solução esta que ademais de não poder ser a que se apresenta disponível no Outro, a exige “sacrifício” e “esforço”.

A dimensão sacrificial, relatada são as constantes “lutas” para realizar as tarefas cotidianas, que a levam a desejar ter “firmeza, segurança, fé e certeza”. Caso contrário sente sua “luta” ser em vão. Essas reflexões estão todas contidas na sua escrita.

“A vida é para ser vencida? Se for, eu quero vencer.” Frase que questiona um sentido qualquer, o de “vencer” por exemplo na vida, que para tantos funciona como lema mestre o suficiente para orientar uma existência. Escreve:

Milton Nascimento canta sobre uma Maria é uma Maria que tem suor, uma Maria que ri quando deve chorar, uma Maria que não vive, apenas aguenta e possui uma estranha mania de ter fé na vida. Essa Maria tem uma firmeza admirável o suor dela não é de exercícios em academia de ginástica, talvez seja resultados de contínuos exercícios enfrente a obstáculos da vida. Essa Maria vai acreditando que talvez no horário marcado seja um tempo melhor, mas que nunca chega. O sofrimento de Maria mistura lagrima e sorrisos, porque vai dar certo, então ela se mantém constante, sem tremor nas mãos, então dá para continuar tecendo a trama que a vida ensina. Como posso Maria ter fé em Deus se não tenho sua estranha mania de ter fé na vida?

Em parte essa sua escrita tem sua face testemunhal do abismo que a separa do que seja a solução da crença para a maior parte de nós, ainda que vista como estranha, mas que insiste e não nos abandona.

Mas, por vezes algum sentido é forjado:

Sim a vida é difícil é um de seus aspectos, mas Deus não interfere nos desafios que a vida apresentada para cada um. A vida é para ser vivida, e não para ser vencida, nem o inimigo é para ser vencido e sim resistido. Quem venceu o inimigo foi Deus e a vida? Para a vida Ele

outorgou a responsabilidade de criar as circunstâncias afim de tornarmos pessoas experimentadas e amadurecidas.

Por outras lúcidas reflexões apontam impasses:

[...] Quando estou lutando pela vida é porque quero buscar o melhor? [...]

[...] O Semelhante neste cenário é aquele que se assemelha com os mesmos pensamentos, motivações e expressões. E o que está só não captura no outro as mesmas intenções é como uma ponte inacabada que é incapaz de ligar as duas extremidades. [...]

Em suma sua escrita é uma escrita testemunhal, que assim como sua fala dão notícias de suas reflexões introspectivas, porém podemos defender não se tratar de mesmo movimento o de realizar uma atividade de escrever e o de falar. Há algo que se fixa na escrita e que pode ser editado, mexido e retomado, coisa que a fala por sua existência efêmera se presta menos.

Sua necessidade de comunicação expressa neste subtítulo, portanto, avança por meio da escrita de narrativas derivadas da sua observação dos grupos de pessoas à sua volta, do que sejam os motivos que levam tanto as pessoas a se reunirem em grupo, quanto a tratarem unicamente especialmente de um mesmo assunto.

Comunicar algo do lugar à margem da onde se sente com relação aos demais é expresso pela sua sensação de se sentir: “como uma ponte inacabada que é incapaz de ligar as duas extremidades”. É o que faz promover a pertinência tanto do lugar da sua atividade de escrita no tratamento, quanto do avanço dessa escrita, a que sua análise deve estar à altura para a construção de seus pontos de ancoragem. Vamos agora sair do campo da clínica para adentrarmos brevemente no universo do poeta Haroldo de Campos.

Na Galáxia de Haroldo de Campos

As *Galáxias* (1963-76) de Haroldo de Campo organizado em torno do eixo temático “a viagem como livro e o livro como viagem” possui cinquenta fragmentos que o compõem e que se alimentam de diversos assuntos. Como em grandes narrativas marítimas, ou nos diários de bordo, o texto passeia por eventos históricos, mitológicos e

cotidianos. Percorrendo múltiplos cenários nos quais o escritor se aventura pela cultura, pela arte, pela literatura e, sobretudo pela linguagem (França, Francyne. 2016).

Porém como o próprio título estampado na capa ilustra “isto não é um livro de viagem”. Posto que o elemento central de suas antiestórias não é o objeto do relato, mas o relatar em si. Em seu texto, o material semântico apenas empresta o seu corpo para uma odisseia cujas peripécias se passam na linguagem e não fora dela. Cito:

e começo aqui e meço aqui este começo e recomeço e remeço e arremesso
e aqui me meço quando se vive sob a espécie da viagem o que importa
não é a viagem mas o começo da por isso meço por isso começo escrever
mil páginas escrever milumapáginas para acabar com a escritura para
começar com a escritura para acabarcomeçar com a escritura por isso
recomeço por isso arremeço por isso teço escrever sobre escrever

(Campos, 1971).

O texto chamado pelo próprio autor como de aspiração “epifânica” nos leva não a uma mensagem que precise ser decodificada, mas a própria experiência na leitura dos efeitos verbais, visuais e sensoriais provocados pela sua escritura. As imagens a que nos levam “milumaestórias na mínima unha de estória” poética, faz existir no espaço de uma unha, mil e um diferentes sentidos, tornando presente por meio da escritura, um inarticulável.

Há segundo diria Joseph Attié um “desaparecimento forçado do sujeito da enunciação” como quando na associação livre o sujeito se deixa elidir pelo que se articula nele para além dele. A verdadeira tarefa de escrita do poeta é produzir postulados cifrados, que buscam cifrar algo desse umbigo dos sonhos. A escrita para Mallarmé, segundo Attié é um processo de nominação. Fazer um objeto existir com ausência, buscando produzir postulados cifrados. Para o poeta o ato por excelência seria entender a escrita como um ato, uma forma de ser no mundo.

Segundo Attié: “[...] E é preciso dizer que o ritmo está no fundamento de toda escrita. Não é separado do estilo, a respeito do qual, como sabemos, Lacan deu uma verdadeira doutrina. Ritmo e estilo estão no cerne de toda escrita verdadeira”. Aqui estamos do lado do que seria uma escrita poética, a partir de uma fala poética, que isolada e de cunho de “livre associação” promove o movimento do que seria a cifratura do “umbigomundolivro”.

“Na epifania”, explica o autor, “a visão prevalece sobre a ação. Quero dizer que o narrar – o gesto narrativo próprio da prosa – deixou-se levar de roldão pela proliferação de imagens” (Campos. 1984, p. 25). A narrativa nos conduz ao reino da imaginação, produto do efeito da linguagem poética, e tem como desfecho uma criação “extralógica” realizada pela atuação concriativa do leitor-escritor: “você também vira objeto do jogo que se infiltra no texto através das lacunas instauradas pela elusão do discurso” (França, Francine, 2016).

Essa mesma função poética que Haroldo demonstra em seus *Galáxias*, também se entrevê nas suas traduções de poesias quando realiza o que ele chama serem suas “transcriações”. E vamos aqui retomar o que ele define que seja esse fazer posto que ele se coloca em evidente consonância com a sua poesia. Em “Da tradução como criação e como crítica”, escrito em 1962, Haroldo de Campos define a atividade tradutória como uma desmontagem e remontagem da máquina da criação, como a passagem de “um complexo decifrar para um novo e complexo cifrar” como já havíamos citado. Vimos aqui a incrível aproximação para com a concepção freudiana das decifrações dos hieróglifos de Champollion.

Em 1983, o teórico-tradutor afirma que:

[...] os critérios intratextuais que enformam o *modus operandi* da tradução poética [podem] ditar as regras de transformação que presidem à transposição dos elementos extratextuais do original ‘rasurado’ no novo texto que o usurpa e que, assim, por desconstrução e reconstrução da história, traduz a tradição, reinventando-a. (Campos, H. 1983, p. 59-64)

O *modus operandi* que aqui nos interessa é justamente o que se refere Campos ser a contra corrente dos critérios intratextuais que ditam regras, mas não sem dispensá-los. Já que é a partir deles que se produz a rasura que tem como consequência promover a desconstrução do que estava prévio originalmente e dessa maneira também ceder espaço à invenção.

Campos nas suas traduções criativas dos textos poéticos faz tentativas de recriar em uma língua aquilo que foi feito em outra. É o que segundo Simone Homem de Mello, coordenadora do Centro de Referência Haroldo de Campos, se encontra presente em obras como “Metalinguagem” (1967); “Deus e o diabo no Fausto de Goethe” (1981) e “Transblanco” (1985).

A criação paralela e autônoma em relação ao original, mas que ainda assim se mantém recíproca é o que Haroldo chama de “transcrição”. Uma tentativa de recriar em outra língua aquilo que foi feito em uma primeira língua de maneira criativa e poética. Por isso seu interesse pelo estudo de línguas e novas linguagem funciona justamente como uma maneira de ampliar seu escopo de possibilidade poética.

Conclusão

Empreendemos no presente texto duas diferentes viagens que nos conduziram por veredas em distintas galáxias. A de Haroldo de Campos, poeta e tradutor, e que portanto, detém um *savoir-faire* sobre a galáxia de lalíngua, como vimos em sua *proesia*. Dotado de mestria com que manipula e joga com as sintaxes e palavras, o que de modo análogo também se apresenta na sua visão da psicanálise, já que ele também nos destaca essa face de fazer com o material da língua presente também na escrita e transmissão de Freud e Lacan, como vimos. E de outro lado, temos o fragmento da escrita em análise de uma paciente psicótica que busca cifrar o sem sentido do que experimenta no laço social.

Enquanto, que Campos nos leva por meio da sua escrita literária a ver se tornar possível um cifrar a partir de um decifrar, o que seria o objeto *a*, umbigo dos sonhos, homólogo ao “pathos de corte” de nossa epígrafe, a paciente escritora também busca cifrar, mas não por meio de um recurso poético, algo dessa opacidade do indecifrável. Haroldo de Campos inclui no seu movimento enxertar as mil e uma histórias em uma unha de história, ou seja, incluir no movimento de cifrar um furo um também infinito, por onde escoa a tentativa vã de encapsular o que escapa do real. Encapsular ou fazer calar o real é que pretenderia a ciência: “A ciência avança sobre o real ao reduzi-lo ao sinal. [...] Mas ela também reduz o real ao mutismo. Ora, o real com que se defronta a análise é um homem a quem é preciso *deixar falar*.” (Lacan, J. 1953/2003, p. 143).

Bibliografia

ATTIÉ, Joseph. *Esse jogo insensato da escrita*. [Ce jeu insensé de l’écriture]. Ensaio publicado em Opção Lacaniana online número 2. Disponível em:

<http://www.opcaolacanianana.com.br/antigos/n2/ensaio.asp>

BASTOS, Angélica; MOLLICA, Mariana. “O sentido da interpretação”. Em: Bastos, Angélica (org.) *Interpretação e ato na experiência psicanalítica*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2015.

CAMPOS, Haroldo. *Galáxias*. São Paulo: Editora 34, 2011.

_____ (1989) “O afreudisiaco Lacan na Galáxia de lalíngua” (Freud, Lacan e a escritura). Ensaio disponível em:

<http://recil.ulusofona.pt/bitstream/handle/10437/42/nr1O%2520Afreudisiaco%2520Lacan%2520na%2520Gal%C3%83%C2%A1xia%2520de%2520La%C3%83%C2%ADngua.pdf?sequence=1>

FRANÇA, Francyne. *Sentido no silêncio: o vazio em Galáxias, de Haroldo de Campos*. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Programa de Pós-graduação em Letras Vernáculas, 2016.

HULAK, Fabienne. “Sobre ‘lalíngua’ e seu uso”. Em: Bastos, Angélica (org.) *Interpretação e ato na experiência psicanalítica*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2015.

LACAN, J. (1953/2003) “Discurso de Roma”. Em: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar.

_____ (1953/1998) “Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise.” Em: *Escritos*, p. 238-324.

_____ (1957/1998) “A instancia da letra no inconsciente ou a razão desde Freud.” Em: *Escritos*, p. 496-533.

_____ (1962-63/2005) *O Seminário 10: a angústia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

_____ (1971/2003) “Lituraterra”. Em: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

_____ (1972-73/2008) *O Seminário 20: mais, ainda*. “Capítulo III: A função do escrito.” Rio de Janeiro: Jorge Zahar. P. 32-43.

_____ (1973/2008) “Pós fácio ao *Seminário 11*”. Rio de Janeiro: Zahar.

MILLER, Jacques-Alain. (2011) *Perspectivas dos Escritos e Outros escritos de Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. P. 76-87. [5 lição]

_____ (2012) “O escrito na fala.” Em: *Opção Lacaniana online*. Ano 3. Número 8. Julho 2012. Disponível em: http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_8/o_escrito_na_fala.pdf

SAFOUAN, Moustapha. (1982/1987) *O inconsciente e seu escriba*. São Paulo: Papirus.

VIEIRA, Marcus André. “Os dois corpos da escrita.” Em: *Latusa digital*. Ano 2. Número 17. Agosto de 2015. Disponível em: http://www.latusa.com.br/pdf_latusa_digital_17_a1.pdf